

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

FILMar NO DIA INTERNACIONAL DO MAR – REINSCREVER ANTÓNIO CAMPOS

16 de Novembro de 2022

FAINA DO RIO E DO MAR / 1959

Realização: António Lopes Ribeiro / *Serviços Técnicos de “Imagens de Portugal” Assistente geral:* Armando da Silva Brandão *Fotografia:* Abel Escoto *Som:* Heliodoro Pires *Locução:* Raul Feio *Montagem:* Carlos Marques *Laboratório:* Ulyssea Filme *Produção:* SNI-Secretariado Nacional da Informação para o Secretariado Nacional de Informação e Turismo (Portugal, 1959) *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, preto-e-branco, 9 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca:* Outubro de 1983 (“Retrospectiva António Lopes Ribeiro”).

GENTE DA PRAIA DA VIEIRA / 1975

um filme de ANTÓNIO CAMPOS

Realização, Argumento, Montagem: António Campos *Adaptação de diálogos, Direcção de actores:* Joaquim Manuel (Quiné) *Fotografia:* Acácio de Almeida, António Campos (*operador de câmara a preto-e-branco*) *Som:* Alexandre Gonçalves *Assistente de imagem:* Carlos Mena *Assistente de produção:* José J. Mota *Participação:* João Daniel, José Ribeiro, Camilo Korrodi, Armando Filipe, António Casa Branca *Música:* Shostakovich, Luciano Bério, Bruno Maderna *Interpretação:* Joaquim Manuel (Quiné), Miguel Franco, Carolina Young, Octávio Ferreira (sequências de *A INVENÇÃO DO AMOR*), e actores do Grupo de Teatro do Orfeão de Leiria. *Laboratórios:* Tobis Portuguesa, Nacional Filmes *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP (digitalização pela Cinemateca no âmbito do projecto FILMar: digitalização Ultra HD de um interpositivo de imagem ampliado para 35 mm produzido por altura da preservação da obra – originalmente 16 mm – em 1999 e da mistura de som em fita magnética; restauro digital de imagem e som feito pela Cinemateca em 2021 com recurso a uma cópia de época como referência), preto-e-branco e cor, 72 minutos. Inclui imagens de *UM TESOIRO* e *A INVENÇÃO DO AMOR* (António Campos, 1958 e 1965).

O discurso filmado da propaganda do regime do Estado Novo em finais dos anos 1950, altura em que António Campos começou a fazer cinema nos antípodas desse registo, abre a sessão que prossegue pós-1974, com *Gente da Praia da Vieira*, em que Campos, “o *amador* de Leiria”, volta a dois dos seus filmes anteriores: *Um Tesouro* (1958), uma primeira obra que na sua filmografia emparelha com *O Senhor* (1959), e *A Invenção do Amor* (1965), um dos mais surpreendentes óvnis do cinema português dos anos 1960.

Faina do Rio e do Mar faz parte do acervo português de curta-metragem que ao mesmo tempo se constitui como um espelho da realidade portuguesa do século XX e uma fonte de investigação histórica preciosa. Produzido no contexto do noticiário de actualidades de que o Estado Novo foi um interessado produtor, encontrando no realizador António Lopes Ribeiro um dos grandes protagonistas, é da época em que, sucedendo ao “Jornal Português”, as “Imagens de Portugal” devolviam periodicamente ao país um seu retrato oficial. Como outros produzidos em paralelo ao

“jornal de actualidades”, este título conta com as suas equipas e a estrutura básica de um alinhamento de “assuntos” comentados num *off* omnipresente e adjectivado. No caso, concebido como uma espécie de antologia temática em torno da *faina do rio e do mar*, os nove minutos “documentais” distribuem-se por seis separadores a ilustrar “A Pateira de Fermentelos”, “Paisagens da Ria de Aveiro”, “A Praia de Mira”, “A Pesca em Vieira de Leiria”, “Faina em Sesimbra” e “Manhã na Ribeira” do Tejo e do lisboeta Cais do Sodré. Imersa em aspectos relacionados com a paisagem, as embarcações, pesca, salinas, moliço, a maior parte da metragem põe-nos perante a realidade projectada na época pelo órgão noticioso do regime nos ecrãs de cinema de todo o país. O salto para a órbita de António Campos é saudavelmente abrupto. *Gente da Praia da Vieira* vem da liberdade desalinhada do seu cinema.

Como *A Festa*, *Gente da Praia da Vieira* corresponde à fase da “profissionalização” dos filmes de Campos se pelo termo entendermos a alteração ocorrida no seu modo de produção: é com estes filmes, já depois do 25 de Abril de 1974, que António Campos obtém pela primeira vez um subsídio do Instituto Português de Cinema e, pela primeira vez também, filma em equipa – uma equipa reduzida, mas uma equipa – e já não, como até aí, sozinho ou apoiado na cumplicidade de familiares e amigos. Ambos os títulos (as imagens da *Festa* são inicialmente captadas para integrarem *Gente da Praia da Vieira*) são filmados na Vieira de Leiria e no caso de *Gente* também no Escaropim. Trata-se pois de um reencontro com o lugar das primeiras obras do realizador, sobretudo *Um Tesouro* e, parcialmente, *A Invenção do Amor*, e mesmo de um reencontro sublinhado já que para *Gente da Praia da Vieira* Campos filma igualmente o (re)encontro entre os protagonistas da *Invenção do Amor* nos locais da sequência final do filme em São Pedro de Muel e inscreve o percurso de Quiné (um dos seus mais constantes colaboradores desde *A Invenção do Amor*) como operário numa das fábricas da região e membro de um grupo de teatro.

António Campos nunca referiu o 25 de Abril de 1974 como ponto de viragem do seu cinema. Das poucas afirmações sobre a Revolução (de que filmou, para o Partido Comunista Português, em 1976, *Paredes Pintadas da Revolução Portuguesa*) refira-se, ainda em 1974, uma resposta dada a Lauro António numa entrevista para a RTP em que declara não tencionar alterar o rumo do seu trabalho, mas sim aproveitar o clima de liberdade para deixar de camuflar o seu interesse na realidade e nos problemas das pessoas... preocupação central na *Invenção do Amor*, o filme “retirado de circulação” pelo próprio António Campos, no qual o fascismo, sob a forma disseminada de uma cidade em estado de vigilância constante sobre os cidadãos, “espreitava em todos os cantos” inibindo qualquer gesto não previsto pelas autoridades ou, mais liminarmente, pelo estado das coisas. De facto, um dos elementos constantes dos filmes de Campos até 1975, além da coerência da sua postura no cinema e da singularidade que marca desde o início o percurso dos seus filmes, é a atenção prestada às pessoas, ao seu trabalho e dificuldades de sobrevivência, à sua vida em comunidade. Ou seja, mesmo sob a “capa” do cinema “amador” e do reconhecimento público dos seus filmes em termos antropológicos ou etnográficos, Campos filmou o que em tempos autoritários não era de todo evidente poder-se filmar.

Em 1975, os tempos eram definitivamente outros, mas, ao contrário do tom da grande maioria dos filmes produzidos nesse período (pós)revolucionário, *Gente da Praia da Vieira* mantém alguma distância – vejam-se a igualdade de tratamento dos discursos dos populares sobre a urgência de melhores condições de vida dos habitantes e a inerente destruição das barracas de madeira

características da Praia da Vieira e o discurso, imediatamente seguinte no filme, do arquitecto camarário em defesa das construções tradicionais. Por outro lado, toda a estrutura de *Gente da Praia da Vieira* se constrói no cruzamento de registos continuado em filmes posteriores, por exemplo *Ex-Votos Portugueses* (1977) e *Histórias Selvagens* (1978). Em *Gente da Praia da Vieira*, a presença de Quiné serve como fio condutor: é ele quem Campos põe a contar a história da praia, encarando o fim do fascismo que “espreitava em todos os cantos da cidade” na *Invenção do Amor* (filmado a partir de um poema de Daniel Filipe); é ele quem indaga da vida e problemas dos pescadores (as comunidades de “avieiros” de Alves Redol), através da lembrança de escritores da Praia como António Vitorino e José Loureiro Botas (autor do conto que está na base de *Um Tesoiro*) e da encenação de uma peça de teatro sobre a Praia da Vieira.

Cruzam-se então temas de filmes anteriores (das comunidades em vias de extinção, à emigração – aqui migrações internas, ao trabalho da pesca e à faina do rio, um mesmo trabalho de registo e uma mesma preocupação em tratar a memória das pessoas e dos lugares por elas habitados), imagens e recordações de outras aventuras (*Um Tesoiro* e *A Invenção do Amor*, Quiné e Carolina). No fundo, como notava José Manuel Costa num texto intitulado “Filmes Selvagens”, este filme, que melhor evidencia a atitude moral de António Campos perante o cinema, alia o discurso tornado possível pelo fim da ditadura ao passado cinematográfico do realizador (filmes, temas, paisagens):

“Feito com um pouco mais de meios e com outra ambição, *Gente da Praia da Vieira* é, por excelência, o confronto de Campos com o período revolucionário e, se tal era ainda preciso, a demonstração última do que eram para ele o cinema, a ética e a política. *Gente* é o seu maior documentário deste período, e é feito de tudo o que temos estado a dizer. É a continuação do ‘cinema etnográfico’ anterior, é a auscultação das contradições políticas, sociais, culturais do momento, e é ainda, pontualmente, no meio de tudo isso, uma liberdade de contemplação que ele próprio raras vezes ofereceu a si próprio. Acima de tudo, sendo um confronto com a conjuntura política, é afinal também um filme de memórias e de afinidades, e, no limite, um dos títulos mais pessoais de toda esta obra”.

Maria João Madeira